

CRÔNICAS SOBRE TRABALHADORES EM UMA ESCOLA ONDE OS ALUNOS SÃO FILHOS DE TRABALHADORES – UM PROJETO DE INTERVENÇÃO

Dulcinéia Lírio Caldeira¹

Resumo:

Este artigo objetiva apresentar um projeto de intervenção que pretende desenvolver o ensino do gênero textual crônica que apresenta trabalhadores como personagens protagonistas e serão estudadas com auxílio da informática. O projeto será aplicado numa escola pública municipal de João Monlevade, aos alunos de 7º ano do ensino fundamental. A escolha do gênero textual crônica deve-se a sua característica linguística de apresentar fatos quotidianos e comentários a respeito, muitas vezes de forma coloquial. Escolhemos a temática das relações entre trabalhador e empregador por acreditar que ainda não ocupa o devido espaço nas atividades docentes quanto ao ensino dos gêneros textuais. Argumentar sobre os assuntos que nos cercam e por isto nos dizem respeito é uma capacidade relevante para o exercício da cidadania, que toda escola precisa enfatizar. O gênero textual em questão será estudado a partir de crônicas de Rubem Braga (“Luto da família Silva” e “O padeiro”), Lima Barreto (“A greve da Cantareira”) e Vinícius de Moraes (“Operários em construção”). As atividades serão desenvolvidas no Laboratório de Informática, que disponibiliza microcomputadores para os alunos, dentro do programa federal UCA (Um Computador por Aluno). O letramento digital, tanto para professores como para alunos, tornou-se inadiável e a escola deve favorecer este aprendizado, orientando-o para seu uso ético. O projeto de intervenção pretende explorar relações intertextuais das crônicas estudadas com o *site* do Sindicato dos Metalúrgicos de João Monlevade, que conta a história das relações de trabalho entre os metalúrgicos e a principal empregadora da região. O acervo eletrônico do sindicato irá subsidiar as informações necessárias à compreensão das relações de trabalho. Após o estudo intertextual e interdisciplinar do gênero textual, os alunos passarão à produção de seus textos, que serão ilustrados e apresentados em um *e-book* à comunidade escolar.

Palavras-chave: crônicas, trabalhadores, personagens, interdisciplinaridade, intertextualidade.

1 Introdução

Este artigo tem como objetivo apresentar um projeto de intervenção de estratégias para ensino do gênero textual crônica, com auxílio da Informática. O projeto em questão, elaborado no Mestrado Profissional em Letras da UFMG, está sendo aplicado na Escola Pública Municipal de Ensino Fundamental - Centro Educacional de João Monlevade/MG, em uma turma de sétimo ano, cuja maioria de alunos tem computador em casa.

¹ Mestrado Profissional em Letras da UFMG
Faculdade de Letras - FALE

A crônica tem como principal característica linguística a relação entre o(s) fato(s) apresentado(s) e o(s) comentário(s) realizado(s). Quando o comentário é consistente, advêm as respectivas reflexões. Tal gênero jornalístico e, com frequência, literário será ensinado a partir de crônicas de Rubem Braga, Vinícius de Moraes e Lima Barreto em um estudo interdisciplinar com Informática.

Vale ressaltar que João Monlevade-MG é uma cidade com aproximadamente 74 mil habitantes, onde há uma usina da antiga Companhia Siderúrgica Belgo Mineira (CSBM), atual Arcelor Mittal. João Monlevade é conhecida pelo movimento sindical dos trabalhadores metalúrgicos. Nossos alunos do CEJM são filhos de trabalhadores, muitos dos quais da Arcelor Mittal.

Por conta desta realidade, achamos por bem definir como tema do projeto em questão a relação entre trabalhador e empregador em textos que têm personagens trabalhadores. A escolha do gênero textual crônica deve-se a sua característica linguística acima mencionada, que nos permite as reflexões por meio das quais discutiremos tema tão relevante quanto atual. Depois partiremos para a produção textual, conforme explicitaremos.

Acreditamos que o gênero textual crônica, por sua natureza linguística de estabelecer relação reflexiva entre o(s) fato(s) e o(s) comentário(s) ensinado a partir do tema proposto, sendo o trabalho fato óbvio da vida familiar, encontra-se mais próximo do universo adolescente em João Monlevade, uma das cidades de Minas Gerais mais conhecidas por seu forte movimento sindical. Nosso público alvo encontra-se também muito próximo a esta realidade pelo fato do Sindimon/Metal - Sindicato dos Metalúrgicos fazer parte do entorno da escola, portanto da comunidade escolar. Talvez este quadro possa também favorecer o aprendizado, aliado a outras características do gênero textual como ser geralmente curto e relatar fatos cotidianos.

Outro fator de proximidade ao universo adolescente, embora não fique reduzido a ele, é a Informática com auxílio da qual o projeto será desenvolvido. Sabemos que a cada dia mais pessoas, independentemente da idade, aderem às novas tecnologias com finalidade de entretenimento ou trabalho ou ambos, já que atualmente a questão cultural se associou à indústria do entretenimento, sendo um dos mercados que mais crescem no mundo. A sociedade precisa de profissionais com conhecimento tecnológico. Eles estão movimentando a economia e como consequência o mercado profissional, fazendo gerar mais empregos. A internet tem possibilitado que muitos jovens com boas ideias se autossustentem e a escola não pode ignorar isto. Na verdade, deve favorecer também este aprendizado, orientando-o para seu uso ético e com fins úteis à sociedade.

Nesta linha de pensamento, propomos a intertextualidade com o site do Sindicato dos Metalúrgicos (sindmonmetal.com.br), que conta a história das relações de trabalho entre os trabalhadores metalúrgicos e a empregadora Arcelor Mittal, antiga CSBM. Também são apresentados os conflitos, negociações, bem como os relatos dos trabalhadores sindicalistas. Como produção final dos alunos, devidamente ilustrada, um e-book apresentado à comunidade escolar por ocasião da comemoração do primeiro jubileu de nossa cidade, João Monlevade.

A aplicação deste Projeto de Intervenção pretende ensinar aos alunos do 7º ano do Ensino Fundamental do CEJM o gênero textual crônica com auxílio da Informática. Analisar crônicas cujos personagens sejam trabalhadores bem como sua estrutura linguística e fomentar a pesquisa crítica realizada tanto por professores como pelos alunos. Objetivamos também a produção textual dos alunos de outros gêneros textuais relacionados ao tema proposto como entrevistas, notícias, a serem publicados no site do sindicato, conforme acordado.

2 Fundamentação teórica e metodológica

2.1 A importância do letramento digital

A informática é uma realidade cada dia maior em nossas vidas. Precisamos não só acompanhar seu desenvolvimento, como nos utilizarmos dela também como um dos instrumentos pedagógicos de ensino e como uma das ferramentas para nos aproximarmos de nossos alunos cada dia mais informatizados.

Em meio a tantas mudanças de paradigmas familiares, educacionais, políticos, enfim, sociais pelos quais estamos passando, urge que estejamos atentos para que possamos nos situar melhor em um mundo ainda fragmentado e tão diverso, bem como orientar nossos alunos como sujeitos ativos e não apenas espectadores destas mudanças, nem sempre positivas, do ponto de vista ético.

Para isso é salutar que haja interação constante e progressiva entre professores, alunos, família, comunidade escolar e a cidade, também por meio do uso da Informática, bem mais próxima da nova geração, que nos tem ensinado muito a melhor manuseá-la. A velocidade com que os adolescentes se apropriam das novas tecnologias é vertiginosa. Não há como ignorarmos isto, principalmente os educadores que pretendem de fato ensinar algo a seus alunos que já aprendem tanto fora da escola. O uso da informática a serviço da educação nos permite uma interação necessária não só com nossos alunos, mas com o mundo, o que pode aumentar nossa influência sobre ambos e a deles sobre nós.

A escola como agência principal de letramento e responsável pelo processo ensino-aprendizagem deve utilizar-se dessa ferramenta e incorporá-la ao seu dia-a-dia pedagógico, afirma R. Rojo (2004).

O letramento digital, bem como o domínio das novas tecnologias de informação e comunicação, tanto para professores como para os alunos, tornou-se inadiável. Nós, professores, precisamos ficar atentos a fim de não nos tornarmos obsoletos, o que pode comprometer o relacionamento com nossos alunos e, como consequência, o processo de ensino-aprendizagem.

O Programa Federal UCA (Um Computador por Aluno) consiste na adoção de tecnologia da informação e da comunicação pelas escolas da rede pública, cujos alunos recebem computadores portáteis. No CEJM, estes ficam no Laboratório de Informática, onde desenvolveremos o projeto.

2.2 Por que ensinar o gênero crônica

O PCN propõe a reflexão sobre o uso da língua, o aperfeiçoamento da leitura e da escrita por meio do ensino de vários gêneros das práticas sociais. A Crônica tem como maior característica linguística a apresentação de fato, comentário(s) e uma possível reflexão a respeito. No caso em questão, o tema “trabalho” será analisado nas crônicas de Rubem Braga, Vinicius de Moraes e Lima Barreto depois no site do Sindicato dos Metalúrgicos, que conta a história dos trabalhadores da Arcelor Mittal. Por tudo isso, acreditamos que o ensino de tal gênero jornalístico possa também contribuir para a formação crítica dos alunos do 7º ano do CEJM, cujas famílias estabelecem ou estabeleceram alguma forma de vínculo com a citada empresa.

Segundo (BAGNO, 2007), o compromisso do educador é com a formação do aluno, com o desenvolvimento de suas capacidades, tanto de reflexão sobre a linguagem quanto de uso criterioso da língua. Bagno afirma que todo uso que fazemos da língua

vale-se de um sistema linguístico que não se esgota nas formas linguísticas que mobiliza.

Assim, entendemos que ensinar o gênero discursivo Crônica, inicialmente por meio das crônicas de Rubem Braga “Luto da família Silva” e “O Padeiro”; “O operário em construção”, de Vinicius de Moraes; e Greve da Cantareira de Lima Barreto irá “abrir caminho” para o estudo da realidade local. Por meio da intertextualidade com o site sindmonmetal.com.br, que conta a história do movimento sindical de João Monlevade. Como uma das consequências, acreditamos que a produção textual, após o estudo desse farto e consistente material, ocorrerá de forma mais efetiva, assim como lúdica e prazerosa.

A escolha das crônicas deve-se ao fato de narrarem histórias da vida dos trabalhadores, invisíveis para a maioria das pessoas, apesar de imprescindíveis a todos nós.

O site do sindicato utilizado situa-nos na realidade local da luta dos trabalhadores metalúrgicos de nossa cidade a fim de se tornarem “visíveis” à maioria da população.

2.3 Os Parâmetros Curriculares Nacionais e os temas transversais

João Monlevade é uma cidade conhecida por sua trajetória das lutas sindicais do movimento metalúrgico, de onde surgiram lideranças que ainda hoje influenciam seu cotidiano. Grande parte de nossos alunos são filhos de operários da Arcelor Mittal, a quem são endereçadas as reivindicações do Sindicato dos Metalúrgicos, maior sindicato regional. Dessa forma, enfocaremos este tema por sua relevância e por envolver os alunos no entendimento da realidade da cidade onde vivem e de tudo que a envolve, bem como por nos permitir um trabalho interdisciplinar mais amplo. Paulo Freire (1996) esclarece-nos a esse respeito quando afirma que não há como ensinar sem conhecer o entorno geográfico onde o aluno está inserido.

Da mesma forma, também perguntamos: como educar sem lançar mão das leis educacionais que podem favorecer uma amplitude maior de nosso trabalho no que tange à inclusão de temas afins relacionados a nossa vivência e de nossos alunos? A educação brasileira, a partir de 1996, vem sendo considerada de acordo com uma nova legislação. No período de 1995 a 1998, o MEC elaborou os Parâmetros Curriculares Nacionais que, vinculados à nova LDB-9394, visam estabelecer diretrizes para o currículo do Ensino Fundamental e Médio, servir como referência nacional para a prática educacional e fomentar ações políticas no âmbito da educação.

Os temas transversais (Ética, Pluralidade Cultural, Meio Ambiente, Saúde, Orientação Sexual, Trabalho e Consumo) fazem parte do 2º grupo dos PCNs (1998, p.40) e têm como eixo o uso-reflexão-uso das linguagens. São conteúdos das áreas os modos como, por meio da palavra, a sociedade vem construindo suas representações a respeito do mundo e tudo o que o envolve. Tratam de questões contemporâneas que dizem respeito ao exercício da cidadania e oferecem inúmeras possibilidades para reflexões pontuais acerca de questões que normalmente não são suficientemente discutidas em salas de aula, bem como possibilitam um trabalho integrado com várias disciplinas.

Sabemos que um texto é produzido sempre a partir de determinado lugar, marcado por suas condições de produção. Não há como separar o sujeito, a história e o mundo das práticas de linguagem. Argumentar sobre todos os assuntos que nos cercam e por isso nos dizem respeito é uma capacidade relevante para o exercício da cidadania que toda escola tem que enfatizar. Por meio da análise das formas de convencimento

empregadas nos textos, das percepções das orientações argumentativas que sugerem, da identificação dos preconceitos que possam veicular no tratamento de questões sociais, os professores devem fazer as proposições necessárias a fim de melhor orientar seus alunos. Toda essa prática são formas de participação social e propostas de ensino dos diferentes usos da linguagem que pretendem desenvolver a capacidade construtiva e transformadora de situações reais, através de intervenções interativas a partir da própria escola.

Os PCNs (p.49-50) estabelecem como um dos quesitos no processo de escuta de textos orais que o aluno:

- amplie a capacidade de reconhecer as intenções do enunciador, sendo capaz de aderir a ou recusar as posições ideológicas sustentadas em seu discurso;
- Leia, de maneira autônoma, texto de gêneros e temas com os quais tenha construído familiaridade;
- Seja receptivo a textos que rompam com seu universo de expectativas, por meio de leituras desafiadoras para sua condição atual, apoiando-se em marcas formais do próprio texto e/ou em orientações oferecidas pelo professor;

Um dos objetivos do Ensino Fundamental (PCNs p.8) é “questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação.” Ao longo dos nove anos, o aluno deve desenvolver habilidades tais como ser capaz de identificar e analisar criticamente os usos da língua como instrumento de divulgação de valores e preconceitos de raça, etnia, gênero, credo ou classe.

Tudo isso nos leva a crer que os PCNs realmente preceituam o exercício crítico de toda prática de linguagem e veem também nos temas transversais mais uma oportunidade em fazê-lo. Estes não são áreas, mas devem fazer parte delas e do trabalho educativo. A sua problemática atravessa as diferentes áreas de estudo e convívio escolar quanto aos conteúdos a serem ministrados, uma vez que devem atender também à realidade local no que têm de específico.

Pensando nesta lógica que (TIRIBA, 2004, p.90) afirma: “A cidade, a rua e a própria vida tornam-se escola(s) do trabalho. Não por casualidade, valorizamos tanto o conhecimento tácito dos que pegam pesado na labuta.” Portanto devemos ultrapassar os muros da escola, ir além das salas de aula, assim como fazer o caminho inverso de trazer o que há fora para dentro delas.

2.4 “Trabalho e Consumo” na educação

O tema transversal “Trabalho e Consumo”, objeto de nosso estudo, foi também escolhido porque sabemos que todos têm igual direito ao trabalho e ao consumo, mas que isso não ocorre por causa das extremas desigualdades sociais ainda existentes no país que ostenta uma das piores distribuições de renda, apesar de ser a oitava economia do mundo. A proposta dos PCNs elegeu esse tema ente os prioritários na escola. O que se pretende é que os alunos saibam como se realiza a organização do trabalho e do consumo em âmbito local, nacional e mundial, que compreendam a complexa rede de direitos e valores a eles vinculados e desenvolvam uma atitude crítica perante eles para prepará-los para sua inclusão no mundo do trabalho.

A interdisciplinaridade e a transversalidade se completam nessa proposta com a premissa de abordar o conhecimento como algo ativo, inacabado, passível de transformação por ser vinculado às questões sociais. Tanto uma como a outra são princípios teóricos dos quais decorrem várias consequências práticas, tanto nas metodologias de ensino quanto nas propostas curriculares e pedagógicas.

Cabe à escola o papel de discutir com os alunos – futuros integrantes do mercado profissional – as relações de trabalho para que eles compreendam sua dimensão histórica e comparem diferentes modalidades de trabalho como o comunitário, o assalariado, o formal, o informal, o escravo e outros, nos espaços urbano e rural, assim como as relações que deles advêm, muitas vezes envolvendo discriminações e injustiças. Saber de seus direitos e responsabilidades identificando problemas em meio às entidades democráticas afins como sindicatos que lutam pelos direitos civis, políticos e sociais dos trabalhadores é também fomentar a inclusão social por meio da formação da cidadania. É imprescindível verificar como os lugares e paisagens são criados e transformados por intervenção do trabalho e do consumo humanos, identificar diferentes processos tecnológicos empregados nas atividades e analisar seu impacto no trabalho, no consumo e na saúde, pela amplidão e interrelação dos conceitos referidos.

Acreditamos que tal magnitude não seja suficientemente desenvolvida na maioria das escolas de Ensino Fundamental, a julgar pela ênfase que geralmente dão aos demais temas transversais, igualmente importantes, dos quais sempre ouvimos falar nos projetos publicados nas revistas, livros afins e em palestras, seminários e congressos de Educação.

Por que será que um tema tão relevante como este em estudo não recebe a devida importância? Como não tratar de assunto tão relevante quanto atual e inadiável como princípio educativo, a fim de não só conhecer e aprofundar nos conhecimentos sobre as relações que o trabalho envolve, mas preparar de fato os jovens para uma atuação consciente e transformadora no mercado de trabalho ainda tão competitivo e excludente?

O assunto é muito amplo para ser respondido neste artigo. Pretendemos apenas apresentar uma proposta de projeto de intervenção. Tal proposta surgiu justamente para tentar responder, pelo menos em âmbito local, a seguinte questão relacionada à pergunta anterior: por que em João Monlevade, cidade do Médio Piracicaba de Minas Gerais, onde está situado o CEJM, escola onde pretendemos desenvolver o projeto, esse tema transversal também não é trabalhado de forma sistemática, atendendo à solicitação dos PCNs quanto à sugestão de adequação dos temas transversais à realidade local?

Trabalho e educação são atividades tipicamente humanas por exigirem racionalidade, e nisso a identidade entre eles é incontestável. Não há como separá-los. Nossos alunos, assim como todos nós, educadores, constituímos-nos no trabalho que coincide com a nossa origem enquanto sujeitos sociais fadados à interação uns com os outros.

Por isto, compreendemos que a lógica das propostas político-pedagógicas, bem como dos projetos a serem desenvolvidos nas escolas, precisam contemplar os temas transversais propostos pelos PCNs, de maneira que abarque também a realidade local e pense o sujeito maior da Educação, nosso aluno, como um agente transformador a quem precisamos ensinar de fato a exercer a tão propalada criticidade por meio de todas as formas e gêneros de que possamos dispor.

Especificamente sobre o nosso tema transversal em estudo, pretendemos iniciá-lo com a história do Trabalho que coincide com a história do desenvolvimento do homem. Segundo (KONDER, 2000, p.112) “toda sociedade vive porque consome e

para consumir depende da produção. Isto é, do trabalho. Toda a sociedade vive porque cada geração nela cuida da formação da geração seguinte e lhe transmite algo da sua experiência, educa-a. Não há sociedade sem trabalho e sem educação”.

O trabalho como princípio educativo de acordo com (GRAMSCI, 1982) não se confunde com técnicas didáticas ou metodológicas no processo de aprendizagem, mas é um princípio ético-político que vem sendo incorporado como base da proposta pedagógica de alguns movimentos sociais desde a década de oitenta.

Em qualquer sociedade, o trabalho apresenta-se como elemento fundante do modo de produção e geração de riqueza fundamentais para a formação do ser social. Dessa forma, a educação possui uma ligação direta com o trabalho para a produção de conhecimento. A partir da transformação da natureza o homem também se constrói como sujeito de seu tempo histórico.

Entendemos que por tudo isso a escola não pode ignorar a importância do tema transversal em questão para a formação dos sujeitos que lhe estão confiados. Furtar-se a tal responsabilidade é comprometer sobremaneira a qualidade da Educação, com todas as consequências nefastas às quais todos estamos, inexoravelmente, submetidos.

3 Etapas metodológicas na escola

Como todo projeto deve surgir a partir de problemas levantados, discutimos esta proposta com a equipe pedagógica da escola, bem como com os professores de Geografia, História e Língua Portuguesa. Todos foram unânimes em confirmar que a escola não trata o tema transversal “Trabalho e Consumo” da forma como deveria fazê-lo, não só por sua relevância, mas por estar vinculado direta e indissolúvelmente à história de nossa cidade e de sua emancipação, motivo pelo qual passamos à elaboração do projeto.

Por meio da interdisciplinaridade com os professores de Português e Informática, pretendemos encaminhar os alunos do 7º ano do CEJM, durante aulas de Literatura, ao Laboratório de Informática, onde ocorrerá a maioria das aulas para o ensino da Crônica.

Iremos aplicar uma atividade para verificar a compreensão de cada aluno acerca do tema em pesquisa, que é a produção inicial do respectivo gênero. Depois, seguiremos com os outros módulos da sequência didática proposta até à produção final.

A importância de ensinar o gênero Crônica, além das já mencionadas, é que, apesar de os alunos terem acesso ao gênero durante todos os anos escolares, não sabem, em sua grande maioria, identificá-la em suas características básicas.

Para alcançar esse objetivo pretendemos utilizar a proposta de Sequências Didáticas de (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004), que são um:

conjunto de atividades escolares organizadas de forma sistemática em torno de um gênero textual, cuja finalidade é confrontar os alunos com práticas de linguagem histórica e socialmente constituídas e lhes dar a possibilidade de aprendê-las e delas se apropriarem de forma progressiva, através de módulos de ensino com o funcionamento, condições de produção e a circulação das crônicas analisadas, assim como o contexto em que estão inseridas. (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p.98)

Os módulos também preveem a escrita e a reescrita das crônicas produzidas pelos alunos, produção inicial e final, respectivamente. As atividades da Sequência Didática proposta dizem respeito às intervenções semânticas necessárias e devidas

correções linguísticas, por meio dos módulos, a partir da produção inicial até chegar à produção final. Pretendemos ilustrá-las, consolidando a intertextualidade, em função de vários alunos apresentarem desejo e aptidão para fazê-lo.

O número dos módulos dependerá do número de acertos linguísticos necessários para a efetivação do processo de aprendizagem do respectivo gênero textual dentro da proposta temática. Ao chegarmos à produção final, esperamos que os alunos tenham aprendido, realmente, o que seja crônica, assim como a relevância dos personagens trabalhadores e de suas histórias para a compreensão do universo do Trabalho como fazer humano. Todo esse processo é fundamental para a construção do ser social que na essência todos somos e por meio do qual nos constituímos.

A avaliação das crônicas produzidas pelos alunos também será realizada por eles ao longo dos módulos, por meio de correção em duplas para que possam trocar informações, sugerir e ponderar sobre os textos uns dos outros, antes do parecer da professora.

Ao final do projeto, teremos a produção de um e-book de crônicas e\ou outros gêneros que por ventura os alunos queiram escrever, feito e ilustrado pelos alunos do 7º ano do CEJM e apresentado à comunidade escolar por ocasião da comemoração do primeiro jubileu de João Monlevade.

4 Considerações finais

O projeto em questão está em fase embrionária. Espera-se que os alunos conheçam a história da relação entre trabalhador e empregador a partir da realidade local e sejam capazes de refletir a respeito do assunto.

Todos os anos nossos alunos leem vários gêneros textuais e quando lhes perguntamos sobre um gênero específico é muito comum ouvir-lhes dizer que não sabem muito sobre ele, à exceção de um ou outro que arriscam alguns palpites certos. Tal realidade mostra-nos que ler um gênero não significa, necessariamente, saber algo decisivo sobre ele, ou melhor, que os alunos não aprenderam o referido gênero, apesar de o lerem muitas vezes, em mais de uma ocasião.

Só mudaremos esta perspectiva quando ensinarmos efetivamente os gêneros a nossos alunos. Suas principais características linguísticas bem como todas as condições de produção às quais estão atrelados não se aprendem espontaneamente. Por quê escrevermos, para que, para quem, em qual contexto são perguntas às quais não podemos nos furtar em responder.

Escrever e reescrever a respeito de um tema fazem parte de todo fazer pedagógico. Quando este tema é sobre algo extremamente relevante, próximo à realidade local e ainda pouco explorado, acreditamos que tenhamos um quadro favorável às novas investidas no processo ensino-aprendizagem de determinado gênero.

Parece-nos ser a crônica, por suas características linguísticas, ideal para esta empreitada, que também pretende aproximar mais nosso aluno do entorno que envolve nossa comunidade escolar: o Sindicato dos Metalúrgicos, que abriga grande parte dos pais dos alunos do CEJM.

Acreditamos que todo fazer humano deva ser avaliado como forma de apresentar o construto de seu aprendizado e contribuição para a sociedade, além de incentivo ao aluno para sua perpetuação como agente transformador numa sociedade ainda tão desigual. A apresentação das crônicas feitas pelos alunos, avaliadas também por eles e consolidadas em um e-book tem esta pretensão, bem como de dar continuidade a este processo de formação de professores e alunos integrados em um mesmo propósito por

meio da transversalidade e interdisciplinaridade, sem os quais se inviabiliza todo e qualquer projeto pedagógico.

Referências bibliográficas

ANTUNES, I. *Análise de textos, fundamentos e práticas*. São Paulo: Parábola, 2010.

_____. *Aula de Português - encontro e interação*. São Paulo: Parábola, 2003.

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso - por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BARRETO, Lima: artigos cartas e crônicas sobre trabalhadores. Organizadores: Antônio Augusto Moreira de Faria, Rosalvo Gonçalves Pinto et.al.. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

BRAGA, Rubem. “Luto da família Silva”. In: Para gostar de ler. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1984.

_____. “O Padeiro”. In: Para gostar de ler. 12ª ed. São Paulo: Ática, 1989.

COUTINHO, Afrânio. “Ensaio e crônica”. In: COUTINHO, Afrânio (direção); COUTINHO, Eduardo de Faria (codireção). *A Literatura no Brasil*. 7ª ed. rev. e atual. São Paulo: 2004.

COSCARELLI, C.; RIBEIRO, A. E. (org.). *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte, 2005.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Palas Ahena, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GANCHÓ, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 2006.

GOMES, Luiz Fernando. *Hipertexto no cotidiano escolar*. São Paulo: Cortez, 2011.

GRAMSCI, Antônio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

KLEIMAN, A. (org). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. São Paulo: Mercado de Letras, 2003.

KOCH, I.G.V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

KONDER, Leandro. *A construção da proposta pedagógica do SESC Rio*. Rio de Janeiro: SENAC, 2000.

LEMKE, J. L. “Social Semiotics: A new model for literacy education”. In: Bloom, D.(ed.). *Classrooms and literacy*. Norwood, NJ: Ablex Publishing, p.289-309.

MARCUSCHI, L. A. “Gêneros textuais: definição e funcionalidade”. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO A. R.; BEZERRA, M. A. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p.19-36.

MARQUES, Cristina; P.C.MATTOS, M.Isabel L de; TAILLE, Ives de La. *Computador e ensino - uma aplicação à língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1986.

MEC-MINISTÉRIO da EDUCAÇÃO e do DESPORTO. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília, 1997.

MORAES, Vinicius de. *Antologia Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PERRENOUD, Philippe. *A prática Reflexiva no Ofício de Professor: profissionalização e razão pedagógica*. Tradução Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ROJO, Roxane. “Letramento e capacidades de leitura para a cidadania”. Texto apresentado em Congresso realizado em maio de 2004. São Paulo: CENP, 2004.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SOARES, Magda. *Letramento e alfabetização: as muitas facetas*. Cidade, 2003.

_____. *Letramento - um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

TIRIBA, Lia; “Ciência Econômica e saber popular: reivindicar na economia e na educação.” In: I.Picanço – L.Tiriba o “popular” (orgs), *Trabalho e Educação: arquitetos, abelhas e outros tecelões da economia popular solidária*, São Paulo: Ideias e Letras, 2004.